

A CRISE E AS ELEIÇÕES EUROPEIAS

por Mário Soares

A crise global que estão a viver – e que tanto está a afectar os países europeus – não só fez implodir o neo-liberalismo como veio descredibilizar os partidários da teoria de menos Estado, mais privatizações, incluindo os hospitais públicos e a segurança social.

De algum modo representa, sem exagero, a necessidade do regresso ao socialismo democrático e o triunfo dos que sempre se bateram pela defesa das conquistas dos trabalhadores e pelo aprofundamento das políticas sociais e ambientais, como contributo essencial para ultrapassar a crise.

É neste contexto que se vão realizar, já em 7 de Junho próximo, as eleições para o Parlamento Europeu, que são muito importantes para o futuro da União Europeia.

Sucede que a União tem estado, nos últimos meses, paralisada pelo veto irlandês ao Tratado de Lisboa e pela inacção dos Governos europeus e, obviamente, da Comissão Europeia. Os eleitores europeus sentem a falta de rumo da União, alguns afloramentos nacionalistas dos grandes países da Europa e um certo regresso ao “directório dos grandes”, contrário ao projecto europeu, de uma União Política, Social e Ambiental, baseado na igualdade de todos os países e no respeito pela diversidade das línguas e das culturas de cada um. Só assim, de resto, a Europa pode vir a ser um agente global na cena internacional, como se pretende que seja.

Não admira assim que haja um visível desinteresse e alheamento dos europeus pelas eleições para o Parlamento Europeu e, contra a corrente do tempo que vivemos, os partidos conservadores façam crer que as vão ganhar.

Penso, assim, que os partidos socialistas, social-democratas, verdes, porventura alguns liberais e mesmo os que se reclamam da Esquerda radical, têm o dever de reagir para que a Esquerda no seu conjunto possa ter uma maioria folgada nas eleições - é decisivo para a Europa - e para superar a crise que nos afecta - que assim seja.

Nesse sentido, quero dizê-lo, como português e sem hesitações, que os dirigentes e primeiros-ministros do partido trabalhista inglês e dos partidos socialistas espanhol e português, não podem continuar a insistir em ser a favor da eleição para Presidente da Comissão Europeia de José Manuel Durão Barroso, apoiado oficialmente pelo PPE - de que é membro - amigo do ex-Presidente Bush e anfitrião da Cimeira dos Açores, onde resolveram invadir o Iraque, ao arrepiro das Nações Unidas e da maioria do eleitorado europeu. Trata-se de um contra-senso e de um verdadeiro tiro no pé. Poul Rasmussen, em nome do Partido Socialista Europeu já reagiu. Na verdade, como podem os socialistas em geral convencer os seus eleitores a votar e a ter um bom resultado eleitoral se, ao mesmo tempo, alguns dos seus dirigentes apoiam um membro destacado do PPE, para Presidente da Comissão? É, na verdade, um incentivo à abstenção dos eleitores socialistas e da Esquerda.

Lisboa, 14 de Maio de 2009